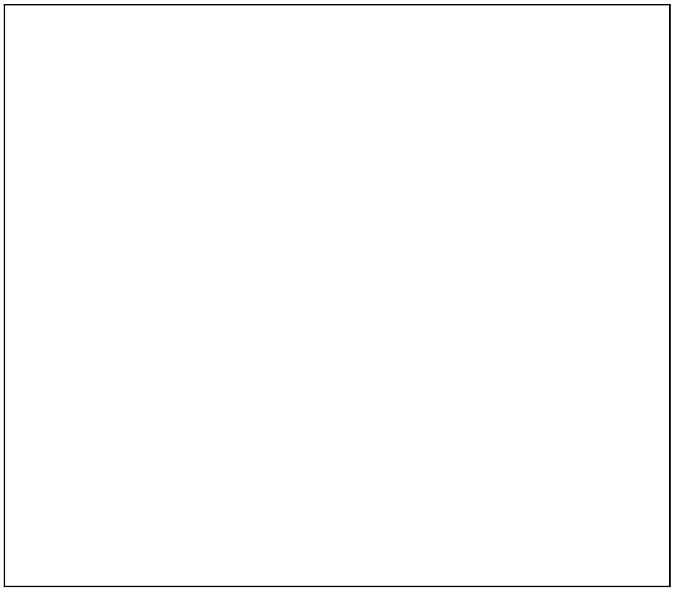
unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

THAISA ALESSANDRA FEGADOLLI

REVISITANDO A DICOTOMIA FALA/ESCRITA



ARARAQUARA – S.P.

2011

THAISA ALESSANDRA FEGADOLLI

REVISITANDO A DICOTOMIA FALA/ESCRITA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Graduação, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientadora: Gladis Massini-Cagliari

ARARAQUARA – S.P.

2011

[FOLHA DE APROVAÇÃO] TCC

THAISA ALESSANDRA FEGADOLLI

REVISITANDO A DICOTOMIA FALA/ESCRITA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Graduação, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientadora: Gladis Massini-Cagliari
Co-orientadora:
Bolsa:

Data da defesa/entrega: ___/___/____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Nome e título
Universidade.

Membro Titular: **Nome e título**
Universidade.

Membro Titular: **Nome e título**
Universidade.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Escrita *sf.* **1.** Representação de palavras ou idéias por sinais; escritura. **2.** Grafia(1). (FERREIRA, 2004, p.287)

Fala *sf.* **1.** Ação ou faculdade de falar (1). **3.** Timbre de voz; voz. **4.** Discurso (1). (FERREIRA, 2004, p.317)

Assim, em cada momento da vida coletiva, há o sentimento da fixidez da língua. Socialmente real, êle é, não obstante, naturalmente ilusório, porque a fôrça conservadora e a resistência da estrutura nunca e nenhures conseguem deter a evolução. (CÂMARA JÚNIOR,1954, p.26)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo principal revisitar a dicotomia fala/escrita sob a perspectiva de estudiosos da área da linguística no que tange aos aspectos comunicativos e interacionais da linguagem. A pesquisa é baseada no estudo das tradicionais dicotomias que classicamente fazem distinção entre a modalidade oral e a modalidade escrita da língua. Evidencia-se aqui a importância do estudo sobre comunicação e a interação dos indivíduos, sendo a linguagem o principal aspecto responsável pela organização da sociedade, além, evidentemente, de também ser indispensável para o desenvolvimento do próprio ser humano. Salienta-se com este estudo que entre fala e escrita existem peculiaridades distintivas não características de uma das modalidades em particular, mas sim diferenças que se fazem necessárias devido ao momento específico de enunciação ou criação de um texto, pois, tanto a modalidade oral quanto a escrita podem apresentar traços de formalidade/informalidade; completude/incompletude; entre outros aspectos. Em outras palavras, não há uma característica distintiva que esteja presente só na fala ou na escrita. Sendo assim, nesta pesquisa mostra-se que, mediante os inúmeros avanços tecnológicos, a interação comunicativa entre as pessoas tem passado por alterações e transposto barreiras. Por isso, verifica-se que, com a colaboração dos meios de comunicação, as dicotomias antigamente preconizadas para fala e escrita estão sendo superadas e já não podem mais ser tratadas de modo estrito a nenhuma das modalidades.

Palavras – chave: Fala. Escrita. Linguagem. Interação. Comunicação. Tecnologia.

ABSTRACT

This work has by main objective revisit the dichotomy speech/writing from the perspective of scholars in the field of linguistics in relation to the communicative and interactional aspects of language. The research is based on the study of traditional dichotomies that classically distinguish between the oral form and the written form of the language. It is noted here the importance of the study of communication and interaction of individuals, as language being the main aspect responsible for the organization of society, and, of course, also being indispensable for the development of human being. This study shows that the distinctive peculiarities between speech and writing are not of the characteristics of a particular procedure, but differences that are necessary due to the specific moment of creation of an utterance or text, because both the oral and the mode writing may have traces of formality/informality; completeness/incompleteness, among other things. In other words, there is not a distinctive feature that is present only in speech or writing. Thus, this research shows that, by the numberless technological advances, the communication between people has gone through changes and crossed barriers. Therefore, it is clear that with the collaboration of the media, the old dichotomies recommended for speech and writing are being overcome and can no longer be treated strictly to any of the modalities.

Keywords: Speech. Writing. Language. Interaction. Communication. Technology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fala versus escrita.....p.12
Quadro 2 - Dicotomias estritas.....p.14
Quadro 3 - Alterações ortográficas na *web*.....p.29

SUMÁRIO

1 - Introdução.....p.8

2 - Fala e escrita ou fala x escrita.....p.11

2.1 - Modalidades da língua.....p.11

2.2 - Visão (não) dicotômica de fala/escrita.....p.15

3 - Fala e escrita: modalidades da mesma língua

e ferramentas da linguagem.....p.18

3.1 - Linguagem é interação.....p.18

3.2 - Linguagem na sociedade.....p.21

3.3 - Fala x escrita: duas faces de uma mesma moeda.....p.23

4 - Fala, escrita e a tecnologia.....p.27

4.1 - Oposições desapropriadas.....p.27

4.2 - Fala, escrita e os meios de transmissão.....p.35

5 – Conclusão.....p.37

REFERÊNCIAS.....p.38

1 Introdução

Este trabalho tem por objetivo revisitar a tradicional dicotomia fala/escrita, trazendo em seu bojo as antigas distinções responsáveis por essa diferenciação, e questionando se há relevância para que elas ainda persistam. Pois, mediante o avanço tecnológico dos meios de comunicação, especialmente da Internet, a maneira de nos comunicarmos também sofreu alterações: não falamos mais ou escrevemos como antigamente.

Ou seja, queremos investigar se as diferenças antigamente preconizadas, tanto para o discurso falado quanto para o escrito, ainda conseguem subsistir diante das inúmeras inovações que hoje fazem parte dos meios de comunicação.

Os objetivos principais são:

1. Refletir sobre a importância da dicotomia fala/escrita no contexto linguístico atual;
2. Investigar como o avanço tecnológico tem colaborado para que as antigas distinções entre fala e escrita não sejam mais estereotipadas;
3. Colaborar com os estudos linguísticos relacionados à comunicação, variação e mudança linguísticas.

Sabemos que os seres humanos são criaturas dotadas de uma faculdade que nenhuma outra possui: a da cognição. Para viver o homem tem necessidade de pensar, comunicar-se, expressar-se, e interagir com o meio social ao seu redor. Por isso, ainda que por motivos de saúde uma pessoa se torne inapta a se expor por meio da fala, ela involuntariamente vai buscar uma alternativa para que o mundo a reconheça, para se posicionar como alguém que pensa e dividir com aqueles que estão à sua volta o que deseja.

Para Sapir (1954, p.17), "[...] falar é um aspecto tão trivial da vida cotidiana que raramente nos detemos a analisá-lo. Parece tão natural ao homem quanto andar, e pouco menos do que respirar". É por isso que a linguagem, por ser tão essencial na vida humana, parecendo ser inerente ao homem, muitas vezes tem seu significado e valor imperceptíveis. Mas o mesmo autor adverte-nos que a aquisição da linguagem é um processo completamente diferente ao de aprender a andar, por exemplo: "Falar é uma atividade humana que varia, sem limites previstos, à medida que passamos de um grupo social a outro, porque é uma herança puramente histórica do grupo, produto de um uso social prolongado" (SAPIR, 1954, p.18).

Assim, além de ser o suporte para a cognição, um dos papéis principais da linguagem é a colaboração no processo de comunicação e interação entre os indivíduos de uma sociedade. Para isso, o ser humano é ensinado desde que nasce, por meio de um conjunto de convenções, que é um produto social compartilhado por um grupo e que permite a compreensão entre seus usuários. Resumidamente, é o que chamamos de LÍNGUA (MASSINI-CAGLIARI, 1997).

A fala, particularmente, carrega a grande responsabilidade de representar a língua, já que todas as pessoas, com exceção daquelas que são mudas ou possuem algum tipo de distúrbio nesta faculdade, se expressam através da fala. Milhares de pessoas podem ser analfabetas, mas, com certeza, elas sabem falar. E não apenas falar, mas fazer com que as outras pessoas com quem interagem reajam ao seu discurso (MARCUSCHI, 2007).

Por ser tão importante na vida do homem, estudar a fala tem se tornado ainda mais interessante. Embora para muitos este assunto ainda não seja muito claro, as pesquisas a seu respeito estão crescendo gradativamente (KOCH, 1995).

A escrita, por sua vez, desde que houve a "democratização do ensino" (BAGNO, 2007), vem ocupando uma posição de destaque na sociedade, como sendo o principal item no sistema educacional. Mas, mesmo assim, muitas pessoas depois de passarem onze anos de suas vidas frequentando a escola, se autodenominam como pessoas que "não sabem escrever" ou não se consideram boas nessa tarefa.

Entretanto, por ser uma habilidade supervalorizada desde os primórdios, a escrita nunca se tornou tão necessária quanto hoje. Saber escrever é algo, como a fala, essencial para quem deseja ascensão social. É por isso que o *status* social de muitos indivíduos está diretamente correlacionado ao seu nível escolar. Atualmente só ocupam os melhores e mais altos lugares na sociedade pessoas que possuem uma boa articulação não apenas na fala, mas também na escrita (MARCUSCHI, 2007).

Neste trabalho, portanto, enfocamos a dicotomia fala/escrita e alguns dos assuntos subjacentes a ela, como a interação social, a variação e a mudança linguísticas, o preconceito linguístico e níveis de monitoramento da fala e escrita. Por fim, verificamos se, diante da criação de novas tecnologias (sobretudo da informática), as distinções entre fala e escrita cunhadas por alguns autores ainda conseguem dar conta das possíveis interações estabelecidas por meio destas duas modalidades da língua.

Para a fundamentação desta pesquisa foi feito o levantamento de informações registradas por estudiosos especializados na área de linguística, os quais abordaram em suas pesquisas questões sobre oralidade e escrita, interação comunicacional, coesão e coerência, a multiplicidade da língua e o ensino de língua materna.

Primeiramente apresentamos os resultados da pesquisa concernentes às modalidades da língua, que são fala e escrita, e expomos as principais diferenças apontadas pelos autores, as quais carregam a responsabilidade de caracterizar a dicotomia fala/escrita.

Posteriormente, frisamos o papel da linguagem e de que modo ela se dá na vida do homem. Juntamente a isto, discutimos de que maneira as modalidades da língua, fala e escrita, são vistas na

sociedade, e também colaboram no processo de variação e mudança linguísticas. Por fim, evidenciamos que as tradicionais distinções que antigamente separavam fala e escrita em polos extremos atualmente já não são mais capazes disso, diante do acelerado avanço tecnológico que envolve a vida da grande maioria das pessoas.

2 Fala e escrita ou fala x escrita

2.1 Modalidades da língua

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2000, p.9), a escrita e a fala são vistas geralmente desta forma: “A escrita tem sido vista como de estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto”.

Sabemos, a partir do trecho das autoras, que os homens têm a capacidade de expressar a língua de duas maneiras: através da fala e da escrita. Trata-se de duas modalidades para apenas uma língua, duas formas de representar as ideias e pensamentos produzidos por meio da língua (MASSINI-CAGLIARI, 1997). Partindo do princípio de que a fala é historicamente anterior à escrita, observamos que muitos teóricos, como Câmara Jr., caracterizam a escrita como sendo uma representação da fala, ou que a escrita só existe em decorrência da fala, como podemos observar:

> A rigor, a linguagem escrita não passa de um sucedâneo, de um *ersatz* da fala. Esta é que abrange a comunicação lingüística em sua totalidade, pressupondo, além da significação dos vocábulos e das frases, o timbre de voz, a entoação [...]. Por isso, para bem se compreender a natureza da linguagem humana, é preciso partir da apreciação da linguagem oral e examinar em seguida a escrita como uma espécie de linguagem mutilada, cuja eficiência depende da maneira porque conseguimos obviar à falta inevitável de determinados elementos expressivos. (CÂMARA JÚNIOR., 1986, p.16)

Entretanto, ainda que possamos passar para a modalidade escrita o que falamos, de acordo com Massini-Cagliari (1997), temos consciência de que não fazemos uma transcrição fonética, do contrário cada indivíduo possuiria uma representação diferente para uma mesma palavra, de acordo com as nuances de sua própria pronúncia. O fato é que realmente existe uma forma escrita para quase tudo aquilo que produzimos por meio de sons. Porém, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2000), a escrita, assim como a fala, tem suas próprias características de representação, organização, o que as torna especificamente diferentes como modalidades.

É neste ponto que a ortografia, então, cumpre seu papel fundamental na língua: neutralizar e padronizar. Por ser uma característica unicamente da modalidade escrita, a ortografia carrega a responsabilidade de tornar um discurso compreensível a todos, além de “mascarar” muitos traços da variação linguística que são evidentes na fala. Desta maneira, ela também institui uma forma padrão para que uma palavra que é falada de variadas maneiras seja representada por meio de uma forma padrão, possibilitando assim sua compreensão por todos (MASSINI-CAGLIARI, 1997).

Para verificarmos melhor as distinções entre estas duas modalidades, nos apropriamos de algumas citações de alguns autores, a começar por Câmara Júnior (1986, p.15):

> De maneira geral, podemos dizer que a primeira [fala] se comunica pelo ouvido, e a segunda [escrita] pela visão. Ou em outros termos: na comunicação escrita, os sons que essencialmente constituem a linguagem humana passam a ser apenas evocados mentalmente por meio de símbolos.

Em sua obra, *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna,* Fávero, Andrade e Aquino (2000, p.69 e 113) dizem:

> De modo geral, discute-se que ambas [fala e escrita] apresentam distinções porque diferem nos seus modos de aquisição; nas suas condições de produção, transmissão e recepção, nos meios através dos quais os elementos de estrutura são organizados.
>
> No texto falado, a seleção lexical se efetiva por meio de construções mais informais, já que se trata de um texto produzido espontaneamente. Por outro lado, no texto escrito o interlocutor dispõe de tempo para planejamento e construção do texto, tendo, portanto, a possibilidade de fazer escolhas mais sutis e também podendo editorá-lo.

Para completar a distinção entre a modalidade oral e a escrita feita nessa última obra citada, dispusemos de um quadro caracteristicamente didático para a dicotomia:

Fala	Escrita
Interação face a face	Interação à distância (espaço-temporal)
Planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção	Planejamento anterior à produção
Criação coletiva: administrada passo a passo	Criação individual
Impossibilidade de apagamento	Possibilidade de revisão
Sem condições de consulta a outros textos	Livre consulta
A reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor	A reformulação é promovida apenas pelo escritor
Acesso imediato às reações do interlocutor	Sem possibilidade de acesso imediato
O falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor	O escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor
O texto mostra todo o seu processo de criação	O texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado

Quadro 1 – Fala *versus* escrita. Fonte: Fávero, Andrade, Aquino (2000, p.74)

Tais distinções citadas anteriormente continuam a vigorar não apenas nas teorias, mas inclusive na mente da maioria das pessoas que cresceram sob tal pensamento. Além disso, observamos esta dicotomia também a partir de Koch (1995):

- a fala tem como características essenciais: não-planejamento, fragmentação, incompletude, pouca elaboração, predominância de frases curtas, simples ou coordenadas e pouco uso de passivas.
- a escrita se caracteriza pelo: planejamento, não-fragmentação, completude, elaboração, predominância de frases complexas com subordinação abundante e emprego frequente de passivas.

Apesar disso, assim como Koch (1995) observa, sabemos que existe a fala que se aproxima muito da escrita informal, e que há a escrita que se aproxima muito da fala formal, não fazendo assim jus às distinções que foram citadas anteriormente. O grau de formalidade ou não na interação verbal, portanto, vai depender do contexto em que ela se dá, já que para cada momento de comunicação utilizamos uma das variedades que se encontram entre o contínuo dos polos *escrita formal* e *fala informal*.

Outro teórico que possui um olhar agregador sobre esta dicotomia é Luiz Antônio Marcuschi, que, pelo trecho abaixo, nos dá uma visão bem definida do que seria língua:

> [...] um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível a mudanças), histórico social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminado sob ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situações de uso concretas como texto ou discurso. (MARCUSCHI, 2007, p.43)

É a partir desta visão de língua que esse autor analisa as diferenças entre fala e escrita pela perspectiva dos usos e não do sistema. Ou seja, levam-se em consideração os usos que são feitos do código, e não o código em si. Desta forma, ele sugere que as diferenças são graduais e escalares, e não dicotômicas estritamente.

Além disso, Marcuschi (2007) afirma que as semelhanças entre a modalidade oral e a escrita se sobrepõem às diferenças, tanto em aspectos linguísticos quanto sociocomunicativos. Muitas das diferenças que são atribuídas a uma das modalidades apenas fazem parte, na verdade, de características da própria língua, como contextualização/descontextualização, envolvimento/distanciamento. Ademais, não há um traço distintivo que seja capaz de ser percebido em apenas uma das modalidades e nunca na outra, pois as características não são exclusivamente da fala ou da escrita. Sendo assim, o quadro de *Dicotomias estritas* é altamente criticado pelo autor:

Fala	**versus**	**Escrita**
contextualizada		descontextualizada
dependente		autônoma
implícita		explícita
redundante		condensada
não-planejada		planejada
imprecisa		precisa
não-normatizada		normatizada
fragmentária		completa

Quadro 2 – Dicotomias estritas. Fonte: Marcuschi (2007, p.28)

Desta forma, Marcuschi salienta que afirmar que a modalidade falada, por ser espontânea e apresentar hesitações, repetições, etc., não segue regras é um equívoco, pois, assim como na escrita, na fala há normas a serem seguidas, caso contrário a comunicação não se estabeleceria. O que ocorre é que as ferramentas usadas na fala são diferentes das utilizadas na escrita: na fala usamos gestos, mímicas, entonação etc., já na escrita utilizamos diferentes formas, cores e tamanhos para as

letras, além de nos servirmos de símbolos, elementos iconográficos para nos expressarmos (MARCUSCHI, 2007).

Outro fator importante também para esse autor é que as distinções entre fala e escrita precisam ser vistas sob uma perspectiva das diferenças típicas dos gêneros textuais que estão envolvidos, e não simplesmente pelas questões tidas como essenciais comumente: interação face a face, produção em tempo real, etc. (MARCUSCHI, 2007).

A fala, ainda de acordo com o autor, portanto, não é o lugar da informalidade, e nem a escrita o da formalidade, já que características como formal/informal, tenso/distenso, controlado/livre, elaborado/solto e outras são maneiras de se usar a língua e não atributos dela ou mesmo de uma das suas modalidades.

Desta forma, o que vai caracterizar um texto falado ou escrito como formal ou informal, simples ou complexo são as escolhas que fazemos ao elaborarmos nosso discurso, a situação em que nos encontramos e para quem estamos nos dirigindo. É também por isso que a língua é inesgotável, pois a cada situação de interação há uma nova recriação da língua, não podendo ser simplesmente decodificada pelo sentido literal das palavras, mas sim compreendida por meio do contexto em que a interação se dá. Além disso, "a língua é fundamentalmente um fenômeno sócio-cultural que se determina na relação interativa e contribui de maneira decisiva para a criação de novos mundos e para nos tornar definitivamente humanos" (MARCUSCHI, 2007, p.125).

2.2 Visão (não) dicotômica de fala/escrita

Segundo o minidicionário Aurélio (FERREIRA, 2004, p.239): "**dicotomia** *sf.* Divisão de um conceito em dois elementos em geral contrários".

Em nosso trabalho, e em muitos outros, o contraste fala/escrita é tratado como dicotômico unicamente por motivos didáticos, para que as diferenças entre estas duas modalidades se evidenciem mais. Apesar disso, temos consciência de que fala/escrita fazem parte de um processo único, o da linguagem, e que muitas vezes os traços semelhantes sobrepujam aos distintivos.

Contudo, vejamos os conceitos de Marcuschi para fala e escrita:

> A *fala* seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica. (MARCUSCHI, 2007, p.25, grifo do autor)

> A *escrita* seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracteriza por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos). Pode manifestar-se, do ponto de vista de sua tecnologia, por unidades iconográficas, sendo que no geral não temos uma dessas escritas puras. Trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala. (MARCUSCHI, 2007, p.26, grifo do autor)

Podemos observar por meio dos trechos acima que fala e escrita possuem muitas características peculiares e que cada uma delas tem sua maneira própria de expressão. Marcuschi ainda considera a escrita "complementar à fala", ou seja, a fala se posiciona em primeiro lugar no que tange à comunicação. Isto demonstra que a fala é uma modalidade mais independente que a escrita, pois ela não depende da outra para ocorrer, enquanto a escrita só faz sentido porque um dia conseguimos nos comunicar por meio da fala, sendo a escrita, antigamente, a única maneira de registrá-la.

Mesmo assim, oralidade e escrita há muito tempo carregam a característica de serem duas atividades muitas vezes opostas, considerando-se a supremacia da escrita em detrimento da oralidade. Isto se deu porque à modalidade escrita atribuíam-se "valores cognitivos intrínsecos no uso da língua" (MARCUSCHI, 2007, p.16) e não era vista como uma prática social. Então, foi a partir dos anos 80 que esta visão sofreu mudanças, por meio de novos estudos que a rebatiam, e hoje as duas modalidades – oral e escrita – podem ser consideradas como práticas sociais e culturais de interação. É por isso que Marcuschi considera a impossibilidade de delinear as diferenças e semelhanças entre fala e escrita sem levar em consideração o modo como seus usos são distribuídos na vida cotidiana dos usuários da língua.

Além disso, podemos compreender que não há nenhum outro mecanismo capaz de substituir a fala na vida do ser humano, pois é por meio dela que chegamos à racionalidade, além de possuir a função de identificação social de cada indivíduo na sociedade, no meio regional, etc. A escrita, por sua vez, não consegue fazer essa caracterização de identidade dos indivíduos no meio social, já que ela é baseada em um padrão e não é estigmatizadora. Ou seja, a escrita, por possuir um modelo a ser seguido, requer que aqueles que a utilizam obedeçam às regras exigidas; sendo assim, ela não permite que traços peculiares de cada indivíduo fiquem evidentes no texto.

Fato importante também é que, atualmente, a escrita tornou-se indispensável, sendo essencial até mesmo para a sobrevivência, pois ela representa "educação, desenvolvimento e poder" (MARCUSCHI, 2007, p.17). Lembremos também que é somente por meio de um ensino formal que o homem adquire a habilidade de escrever.

E foi justamente o surgimento da escrita que ocasionou a institucionalização rigorosa formal, e que se tornou o objetivo principal da formação dos indivíduos para enfrentarem as necessidades da sociedade atual. Apropriamo-nos da escrita não apenas de forma "libertária", mas também como um meio de "estabelecer, manter e reproduzir relações de poder" (MARCUSCHI, 2007, p.45-46).

Por meio da fala ou da escrita é possível construirmos textos coesos e coerentes, cada um com suas próprias características de usos e práticas, embora façam parte do mesmo sistema linguístico. E é por este último traço que fala e escrita talvez não possam constituir uma dicotomia, segundo a visão de Marcuschi (2007), já que podemos observar características que antes eram atribuídas a apenas uma das modalidades e hoje podemos encontrar em ambas.

Desta forma, de acordo com a perspectiva variacionista, não podemos mais fazer aquele tipo de distinção dicotômica, pois fala e escrita constituem processos usados nas atividades comunicativas, e não simplesmente produtos da língua. O que pode acontecer é observarmos as variedades linguísticas que são diferentes, e termos consciência de que tanto na fala quanto na escrita poucas dessas variedades chegam a ser consideradas como padrão, ou seja, corretas. Sendo assim, tanto a variedade escrita quanto a falada apresentam: língua padrão/variedades não-padrão; língua culta/língua coloquial; norma padrão/normas não-padrão. Isso ocorre porque a língua em si é heterogênea e repleta de variação, e não um sistema único e abstrato (MARCUSCHI, 2007).

Seguindo uma visão linguística, Bagno (2007, p.48) nos dá uma definição para a variação que existe entre escrita e fala:

> **Variação diamésica**: é a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de gênero textual. O adjetivo provém de DIA- que significa "através de" e do grego MÉSOS, "meio", no sentido de "meio de comunicação".

Ilari e Basso (2007, p.181) também colaboram para uma melhor explicação desta variação:

> A variação diamésica compreende, antes de mais nada, as profundas diferenças que se observam entre a língua falada e a língua escrita. Uma longa tradição escolar acostumou as pessoas a vigiar a escrita e a dar menos atenção à fala, por isso muita gente pensa que fala da mesma forma que escreve. Na fala as pessoas dizem coisas como "né", "ocêis", disséro", "téquinico" pensando que dizem "não é", "vocês", "disseram", "técnico".

Para os tradicionalistas que defendem a gramática da língua, os linguistas são profissionais que apóiam o "vale tudo na língua", que não há regras, e que não se importam com os "erros", sendo assim, são considerados relativistas, defendendo que tudo na língua é relativo. Porém, eles

não observam que os linguistas estão preocupados com as circunstâncias que envolvem o processo de interação-comunicação, sendo elas as responsáveis por estabelecerem as regras a serem seguidas pelos falantes e não o contrário. Portanto, o que os linguistas afirmam é que os usuários da língua adéquam sistematicamente seu modo de expressão baseados na situação em que se encontram e não em um padrão absoluto para todas elas (BAGNO, 2007).

3 Fala e escrita: modalidades da mesma língua e ferramentas da linguagem

3.1 Linguagem é interação

Segundo Koch (1995, p.9), existem três concepções de linguagem:

> a. como representação ("espelho") do mundo e do pensamento;
> b. como instrumento ("ferramenta") de comunicação;
> c. como forma ("lugar") de ação e interação.

É a partir destes conceitos que Ingedore Koch traça em sua obra, *A inter-ação pela linguagem,* os mecanismos usados pelo homem nos momentos de interação com seu próximo, colaborando com a ideia de muitos linguistas, especialmente os franceses, alemães e ingleses, de que a linguagem é uma atividade, e que é nela e por meio dela que se realizam as relações entre os usuários da língua. Portanto, é com esta preocupação que surge uma linguística interessada nas reais condições de manifestações linguísticas, ou seja, em situações e contextos vividos concretamente pelas pessoas, chamada pela autora de "linguística do discurso" (KOCH, 1995, p.11).

De acordo com a mesma autora, é no ato de fala, especificamente, que a interação se evidencia, pois nela cada indivíduo, a seu turno, se apropria da língua para fazer com que seu interlocutor receba a mensagem pretendida. Para isto o locutor utiliza meios para que seu objetivo seja alcançado, transmitindo em sua fala determinada força para produzir determinado efeito. Porém, também é necessário que o interlocutor possua as ferramentas necessárias para compreender aquilo que lhe foi transmitido, do contrário o objetivo da ação não se efetua.

Desta forma, segundo Koch (1995), como nenhum texto, oral ou escrito, possui explicitamente todas as informações necessárias para sua compreensão, é preciso que o receptor da mensagem estabeleça relações entre o texto e contexto, além de recuperar elementos arquivados em sua memória para captar devidamente a mensagem. Caso não existissem estas ferramentas que possibilitam as inferências nos textos, podemos imaginar o quanto teríamos que falar ou escrever, por mais simples que fosse o tema.

Portanto, Koch (1995) afirma que a linguagem possui como traço essencial a argumentação, pois a cada momento de interação nos apropriamos e excluímos determinadas ideias, a fim de direcionar nosso discurso por meio de "determinada força argumentativa" (KOCH, 1995, p.29). E, na fala, uma das ferramentas mais usadas para isso são aquelas palavras consideradas "sem significado", como *então, né, mas, também, pois é*, etc., que são comumente responsáveis pela "força argumentativa" que há nos textos.

Vejamos também o que Koch (1995, p.104) diz sobre a conversação:

> [...] a conversação tem de ser localmente planejada: as mudanças de posição e as negociações se sucedem ininterruptamente e os parceiros precisam ter "jogo de cintura" para levar a interação a bom termo. A cada mudança de "cena" ou de posição, exigem-se mudanças correspondentes na linguagem.

Koch caracteriza a interação face a face como a partida de um jogo, em que cada participante tem seu momento de jogar. Desta forma, por ser essencialmente interacional, a fala é construída no próprio momento de planejamento, e é necessário que, antes de elucidarmos o discurso, escolhamos as palavras. E estas muitas vezes não expressam aquilo que queríamos dizer, por isso as substituímos por outras no próprio momento de comunicação.

Assim, a fala revela o seu processo de construção, o que causa a sensação de ser um texto descontínuo e fragmentado, porém a sintaxe da língua se mantém, mas de acordo com as necessidades da modalidade oral. Ou seja, por ser construído no ato da fala, o texto oral não se importa em ter falsos começos, orações truncadas, hesitações, repetições, isto é, em quebrar um pouco as regras convencionais da língua escrita para se fazer entender melhor (KOCH, 1995).

Há também a aplicação das chamadas "estratégias conversacionais", que Koch considera como responsáveis em grande parte pela língua falada ser caracterizada como descontínua, pois elas ditam que, se o interlocutor já entendeu o que o locutor queria dizer, não é necessário continuar a fala; caso o interlocutor não entenda o que está sendo dito, é preciso suspender a fala, repeti-la ou tentar outra estratégia com outras palavras; e ao notar que a construção não foi bem elaborada ou é inadequada, o locutor precisa corrigi-la imediatamente.

No momento da fala é normal que ocorram digressões e inserções, que, aparentemente, causam uma ruptura no desenvolvimento da atividade interacional, pois elas interrompem um tema para inserir outro. Os marcadores utilizados para isso são: "a propósito, por falar nisso, abrindo um parêntese, antes que eu me esqueça, desculpe interromper mas, etc." (KOCH, 1995, p.97). Porém, mesmo parecendo que estas formas atrapalham na interação, elas colaboram para que esta ocorra de forma ainda mais satisfatória.

Além disso, em muitos textos orais, que são bem elaborados e sua formulação é fluente, são frequentes a presença de repetições, inserções ou paráfrases. Isto se dá porque tais elementos possuem um caráter esclarecedor, enfatizador e intensificador das ideias, colaborando para o bom entendimento do texto. Tais traços, de acordo com Koch (1995), são comuns em discursos políticos, publicitários e didáticos, justamente porque eles precisam alcançar seu público alvo.

Desta forma, a autora salienta que não podemos estudar a língua simplesmente como um código que é usado para enviar e receber mensagens, ou um sistema formal abstrato que serve para estruturar os enunciados, e muito menos como algo que consegue subsistir fora de situações contextualizadas. Pelo contrário, a língua, sendo expressão da linguagem humana, é denominada pelas interações sociais que seus indivíduos fazem dela, pelos papéis que eles representam e pelo que está em negociação no ato de comunicação. Portanto, "é preciso encarar a linguagem não apenas como representação do mundo e do pensamento ou como instrumento de comunicação, mas sim, acima de tudo, como forma de inter-ação social" (KOCH, 1995, p.110).

Acompanhando esta linha de pensamento, Ilari e Basso (2007) afirmam que as diferenças entre fala e escrita não se limitam às diferenças entre se escrever de uma forma e falar de outra, mas sim à questão do planejamento que ocorre de maneira bem diversa entre uma modalidade e outra. Sendo assim, o autor diz que na língua falada:

- as reformulações resultam do fato de que a fala é planejada e executada "em tempo real", isto é, ao mesmo tempo em que é produzida; por sua vez, o ouvinte sabe que as informações trazidas por enunciados sucessivos de um texto falado precisam ser processadas cumulativamente;

- partículas como *né* e *viu* são uma forma de monitorar a atenção do interlocutor à medida que o diálogo se desenrola, garantindo, por assim dizer, que ele não "desligou". Têm a mesma função que, numa conversação telefônica, seria reservada a perguntas como "você está aí?" você está me ouvindo?" (tecnicamente, esse controle de que "a ligação não caiu" é conhecida como "função fática");

- expressões intercaladas como *bom* ou *agora* [...] anunciam uma mudança de tópico e nesse sentido têm um papel que corresponde, na escrita, ao recuo da linha;

- usando expressões como *eu acho* ou *sei lá*, a informante procura evitar que suas opiniões sejam tomadas como excessivamente categóricas, ou inegociáveis, o que poderia ser interpretado como uma forma de arrogância, passando uma imagem negativa de quem fala;

- quanto às repetições, [...] elas evitam um silêncio que poderia ser interpretado pelo interlocutor como final de turno: recorrendo a elas, a informante consegue "segurar" o turno, que de outro modo seria facilmente "capturado" por um interlocutor mais interessado e afoito" (ILARI, BASSO, 2007, p.184-185)

Podemos observar, a partir da citação acima, que um indivíduo sabe utilizar as propriedades da língua falada da maneira que melhor lhe satisfaça. Ainda que aos olhos de muitos tradicionalistas a fala pareça o lugar do caos, sabemos que para tudo na língua há uma razão de existir.

3.2 Linguagem na sociedade

> [...] a linguagem é uma herança imensamente antiga da raça humana, sejam ou não sejam todas as suas variantes desdobramentos históricos de uma única e prístina forma. É duvidoso que outra qualquer aquisição cultural do homem, seja ela a arte de acender fogo ou a de lascar pedra, possa proclamar maior vetustez. Inclino-me a crer que precedeu até os aspectos mais rasteiros da cultura material, e que eles, na realidade, não foram estritamente possíveis até o momento em que se delineou a linguagem, instrumento da expressão significativa. (SAPIR, 1954, p.34)

Como pudemos observar anteriormente, a linguagem não se define apenas por meio de fatores formais, que dizem respeito à estrutura. Muito relevante também tem se tornado o aspecto social da linguagem, pois é através dele que conhecemos as relações entre as pessoas tanto entre si quanto na comunidade como um todo. Assim, a linguagem não é um contexto apenas de conversação, mas também de interação. E é nesta última que se constitui "o lugar da linguagem e a razão de ser dos sistemas linguísticos" (MASSINI-CAGLIARI,1997, p.9).

Por meio das relações de interação dos indivíduos chegamos à conclusão de que cada um utiliza a língua, o canal de comunicação, de uma maneira particular. Ainda que duas pessoas da mesma localidade e condição social convivam diariamente juntas, é possível verificarmos muitos traços distintos entre o modo de falar de cada uma delas, apesar de, na maioria das vezes, esses traços parecerem quase imperceptíveis para quem está participando da interação. Assim, de acordo com Massini-Cagliari (1997), como as pessoas são diferentes umas das outras, o mesmo ocorre com a linguagem.

Segundo Bagno (2007, p.36, grifo do autor): "A língua é uma atividade social, um **trabalho coletivo**, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita". Assim, também podemos acrescentar o que diz Câmara Júnior (1954, p.22-23):

> A língua é de maneira geral – coletiva; mas cada um de nós tem certas peculiaridades lingüísticas, ou pelo menos preferências, e há assim, de certo modo, múltiplas línguas individuais, ou IDIOLETOS, de acôrdo com a nomenclatura lingüística norte-americana.

Por ser, como citado anteriormente, uma atividade realizada por todas as pessoas, observamos que todo falante é capaz de monitorar seu comportamento verbal, ou seja, o uso que faz da língua, não importando o grau de instrução que ele tenha, a qual classe social pertence, ou qual a sua idade. O monitoramento da fala é adquirido pelo homem desde muito cedo, e tal fato deve-se ao convívio social em que o indivíduo está inserido. Portanto, os sociolinguistas afirmam que qualquer pessoa pode variar sua maneira de falar, e que "não existe falante de estilo único" (BAGNO, 2007, p.46).

Por outro lado, o que acontece no monitoramento da escrita é diferente, já que este depende do grau de instrução do usuário da língua, ou seja, do quanto o indivíduo é hábil a escrever. Quanto maior for o contato de uma pessoa com a leitura e a escrita, maior será seu repertório, seu desempenho e domínio sobre a escrita. Esta habilidade, entretanto, também corrobora para que os textos orais de um indivíduo instruído na escrita sejam mais aperfeiçoados e monitorados, caracterizando a modalidade oral por meio de traços formais mais evidentes na escrita.

Além disso, para Bagno (2007) existe um *continuum* entre oralidade-letramento, ou fala/escrita, que mostra se num dado momento de interação a atividade verbal se aproxima mais das práticas orais ou das escritas. Ele cita o exemplo de uma professora em sala de aula: quando ela se dirige aos alunos para expor um conteúdo que não é o da matéria de sua aula, observamos que sua fala possui características próprias de sua cultura particular, ao passo que ao se posicionar para fazer explanações sobre sua matéria, ou ler um texto, sua fala se aproxima mais dos padrões da escrita.

Portanto, cada indivíduo vai adaptar seu texto, oral ou escrito, de acordo com a situação em que se encontra. Assim como o mais instruído dos homens pode, por um momento de baixo monitoramento, produzir construções consideradas agramaticais pela Gramática Normativa, uma pessoa de pouca instrução pode construir textos mais bem elaborados numa situação mais formal, ainda que alguns "erros" persistam.

Para Fávero, Andrade e Aquino (2000), numa interação conversacional ocorre o que elas chamam de par adjacente, que são: pergunta-resposta; convite-aceitação ou recusa; pedido-concordância ou recusa; saudação-saudação. Para as autoras, dificilmente haverá uma conversação sem um par, por isso elas os considera como base da interação.

Há, porém, traços que fazem com que os textos sejam mais bem compreendidos ou não. Tudo vai depender da interação e do compartilhamento de mundo que houver entre o falante e o ouvinte, que mutuamente são responsáveis por manter uma comunicação coesa e coerente.

Desta forma, para uma boa comunicação, mais importante que falar o português "correto", ou seja, seguindo as regras gramaticais com destreza, é saber construir um texto coeso, que geralmente tem como característica sua organização nos aspectos lexicais, sintáticos e semânticos.

A coesão, além disso, também pode ser subentendida no texto, não sendo necessariamente "marcada linguisticamente" (FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 2000, p.31).

A coerência textual em uma situação de interação, por seu turno, não depende exclusivamente das propriedades do texto, pois é algo que vai se articulando ao longo da interação, como se fosse um processo de construção mútua, estabelecida pelas relações dos falantes.

O mais importante, então, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2000), para que um texto, oral ou escrito, seja compreendido, não é apenas produzi-lo e deixar ao receptor a tarefa de decifrá-lo, e sim fazer-se parte da interação, num processo de construção recíproca.

3.3 Fala x escrita: duas faces de uma mesma moeda

Verificamos, também, que o contraponto entre a língua falada e escrita já foi tema até mesmo de poemas de grandes poetas, como podemos conferir:

"Evocação do Recife" – *Estrela da vida inteira*

[...]
A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada
[...]

(BANDEIRA, 1993, p.135)

"Aula de português" – *Boitempo II*

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar

e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é que sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramáticas, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.
Já não sei a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

(ANDRADE, 1999, p.86)

Em ambos os poemas observamos que o eu-lírico está indagando sobre a língua e como é diferente a língua regrada da escola daquela que antes estava acostumado a usar em ambientes familiares. Podemos, além disso, detectar aqui a diferença entre a língua falada do povo, considerada "errada", mas boa de se falar e compreender, e a língua escrita, que só o professor é capaz de entender e explicar.

A esta diferenciação acrescentamos o que diz Ilari e Basso (2007, p.181): "Em oposição ao desenvolvimento 'retilíneo' do texto escrito, já se disse que o desenvolvimento mais típico dos textos falados traça uma espécie de espiral que atropela a si própria". Desta forma, é possível compreender a dificuldade de aceitação da "nova língua regrada" pelo eu-lírico, de modo que ele sempre esteve acostumado a um tipo de desenvolvimento de texto, como disseram Ilari e Basso (2007), de certa forma mais livre, e não tão restrito às regras, como é o texto escrito ensinado nas escolas.

A língua fácil de entender, por sua vez, é a língua “errada do povo”, ou seja, é aquela variedade da língua que é considerada como inculta, popular, vulgar, etc. Na verdade, ela faz parte daquilo que chamamos de variação linguística. E apesar de haver tantas diferenças, e especialmente por elas existirem, é que Bagno (2007) nos aconselha a não estigmatizar as variedades diferentes da nossa, e sim aceitarmos sua presença na sociedade, já que há formas diferentes para se dizer a mesma coisa. Porém, a norma-padrão deve ser ensinada a todos como forma de opção de uso e não como única forma de uso. Para ele, não há motivos para continuar chamando de “erro” aquilo que já está presente há muito tempo no sistema linguístico, inclusive na fala e escrita de indivíduos cultos.

Basta observarmos as obras literárias dos autores clássicos e dos contemporâneos para sabermos que a variação existe e que através dela ocorre a mudança, que na língua é permanente, e, enquanto existirem cidadãos que utilizem a língua, este fato será inevitável, pois é neste processo de construção-reconstrução no ato de interação-comunicação que a mudança se dá.

É por isso que as regras muitas vezes parecem que foram criadas unicamente para serem quebradas, pois os indivíduos da sociedade são hábeis o bastante para construir e desconstruir a língua da maneira que melhor lhes cabe no momento da interação, e não são marionetes conduzíveis a uma única maneira de se expressar (BAGNO, 2007).

Mesmo assim, muitas pessoas ainda consideram a mudança linguística um mal para a língua, mas se esquecem, ou não se dão conta, de que elas mesmas não falam como seus avós e ancestrais falavam:

> Muitas pessoas lamentam que, no processo de mudança, a língua perca tantas coisas. É que elas deixam de ver que, ao mesmo tempo, a língua ganha muitas coisas novas, num equilíbrio constante entre preservação e inovação. Afinal, se na mudança a língua perdesse elementos essenciais, os falantes não conseguiriam mais se expressar e interagir verbalmente, e isso nunca aconteceu em língua nenhuma, em nenhum momento da história da humanidade. (BAGNO, 2007, p.188)

4 Fala, escrita e a tecnologia

A fala é o primeiro sinal de que o ser humano está se desenvolvendo. É uma das primeiras grandes habilidades que o homem aprende fora de um ensino formal. A escrita, como ocorre culturalmente em nossa sociedade, vem depois, geralmente por meio de um ensino institucionalizado. Porém, ainda existem comunidades que apenas utilizam a comunicação oral, e são ágrafas. Isto, contudo, não quer dizer que são menos desenvolvidas, apenas indica que a escrita ainda não se tornou necessária (Fávero, Andrade, Aquino, 2000). Desta forma, não é possível continuarmos com a tradicional ideia de que a escrita é superior à fala, pois o fato é que são duas modalidades distintas, cada uma com seus valores e importâncias.

Assim, podemos considerar que existem entre estas duas modalidades diferenças que nos dias de hoje já não podemos dizer que são totalmente verídicas. A primeira é o fato de a fala possuir um caráter mais efêmero, pois sua percepção se dá através da audição, enquanto que a escrita, por ser documentada em materiais concretos e ter a possibilidade de ser arquivada, possui um caráter duradouro.

Outro ponto a ser levando em consideração é que no momento da fala, de modo geral, o interlocutor precisa estar presente no momento da enunciação, o que pelo contrário, não acontece na escrita, em que, comumente, este está ausente. Desta forma, no momento da interação entre

falante/ouvinte o retorno ou *feedback* seria imediato, o que jamais aconteceria na interação entre escritor/leitor (MASSINI-CAGLIARI, 1997).

Tais características hoje já não podem ser levadas à risca. Com a evolução tecnológica fica cada vez mais difícil afirmarmos que algo jamais teria possibilidade de acontecer. Portanto, já podemos comprovar que para se falar não é necessário que o interlocutor esteja realmente presente, é só ligar a *webcam*, atender ao telefone, etc.

A escrita, por sua vez, já tem se tornado um canal de inter-relação entre duas pessoas a milhares de quilômetros, e tudo isso se dá por meio de mensagens instantâneas, ou seja, em tempo real. Além disso, hoje é possível documentar a fala e não apenas a escrita, além de ser possível falar para um interlocutor que não está presente, como podemos observar em discursos políticos, programas de TV que são dirigidos a um público que o falante nem mesmo conhece.

4.1 Oposições desapropriadas

As dicotomias apresentadas por Marcuschi (2007), Koch (1995) e Fávero, Andrade e Aquino (2000) expostas neste trabalho possuem em sua essência basicamente as mesmas características, contudo, inicialmente, nos ativemos aos dois primeiros autores por utilizarem praticamente as mesmas expressões na designação de cada modalidade.

Marcuschi (2007), como especialista em estudos sobre oralidade e escrita, rebate as ideias contidas no Quadro 2 – Dicotomias estritas, pois as considera muito rígidas (MARCUSCHI, 2007). Diante disso, podemos, de acordo com o autor, afirmar que já não há motivos para considerar a fala menos complexa do que a escrita, já que são duas modalidades diferentes de expressão. Sendo assim, contrariando também as oposições apresentadas por Koch (1995), sabemos que há um momento na comunicação que a fala tende a aproximar-se mais da escrita e que, igualmente, a escrita também pode similarizar-se à fala.

Nas dicotomias apresentadas por Koch (1995) e Marcuschi (2007), é apresentada a fala como não-planejada, fragmentária, e carente de organização gramatical. Por outro lado, a escrita caracteriza-se por ser planejada, precisa e regida pelas regras normativas. Embora tudo isso um dia possa ter sido a "verdade" que imperava nas mentes estudiosas, atualmente já não é mais possível concordar com ela, pois, diante dos inúmeros avanços tecnológicos, estas duas modalidades da língua – fala e escrita - têm quebrado barreiras comunicativas anteriormente intransponíveis.

A escrita, assim como a fala, hoje em dia tem se apresentado em muitos momentos fragmentada e repleta de "erros" gramaticais e ortográficos. Exemplos concretos deste fato são as famosas conversas via *web*, as quais se assemelham às conversas face a face, que acontecem por

meio da fala, mas com duas grandes diferenças: elas ocorrem à distância, ou seja, não é necessário que os participantes da conversa estejam presentes, e utilizam a escrita, isto é, o que poderia ser dito por meio de sons agora é dito através de sinais gráficos.

Assim, as conversas instantâneas que acontecem pela internet, por possuírem um caráter informal, pois ocorrem geralmente entre amigos, são repletas de reduções sintáticas, simplificação lexical, além de serem as campeãs em abreviações, "quebrando" até mesmo as regras ortográficas, como segue no exemplo abaixo:

Palavra original	**Palavra modificada ou reduzida**
acho	axu
amo	amu
aqui	aki
fim de semana	fds
indo	indu
mesmo	msm
muito	mto
ótimo	otimu
quando	qdo
que	q
também	tb
tudo	td
você	vc/c
vou	vô

Quadro 3 – Alterações ortográficas na *web*

Estas são apenas algumas adaptações que a língua escrita sofre quando cumpre o papel que, no passado, fora da língua falada. A aproximação aqui é evidente: os usuários da internet, especialmente os de mensagem instantânea, tendem a aproximar aquilo que escrevem daquilo que falariam se estivessem pessoalmente com o interlocutor, deixando a escrita, que tradicionalmente é formal, algo muito informal, como é a maioria das conversas. E não foram apenas as palavras que encontraram sua maneira própria de expressão na internet, as reações e sentimentos dos participantes das conversas também possuem forma gráfica, como o riso, o choro, o contentamento, a tristeza, etc., como por exemplo:

1. Riso: rsrsrs...hahaha...hehehe...kkkkk
2. Choro: buá, buá...
3. Contentamento: =)
4. Tristeza: =(

Já em relação ao não planejamento da fala e ao planejamento da escrita, como aparece em Marcuschi (2007) e Koch (1995), é possível dizer que a fala, ao contrário do que tradicionalmente se pensa, é planejada. Afinal, quando falamos, as palavras não surgem em nossa boca sem primeiro passar por um processo de seleção, o qual ocorre em nossa mente. Por isso, mesmo a fala possuindo esse caráter instantâneo, como se falássemos sem pensar, isso não ocorre, pois é em nossa mente que a habilidade de falar se desenvolve.

O que acontece muitas vezes com essa velocidade rápida de escolha do nosso cérebro é pensarmos em uma palavra e pronunciarmos outra, e assim que nos damos conta do equívoco, tentamos corrigi-lo introduzindo a palavra adequada rapidamente (KOCH, 1995). Isto não significa que a fala não é planejada, mas sim que o seu planejamento exige agilidade de pensamento, isto quando se trata de uma situação de fala espontânea.

A escrita, por sua vez, tem carregado a fama de ser planejada simplesmente pelo fato de num texto escrito existir a possibilidade de revisão textual, permitindo anular-se as construções indesejadas e mal formuladas por outras. O escritor de um texto tem autonomia para alterá-lo do modo que bem lhe aprouver. Isto é fato. Em contrapartida, tratando-se de um texto instantâneo, como geralmente acontece no *MSN* ou no *facebook*, a condição do escritor é semelhante à de um falante, pois a situação comunicativa exige que ele seja rápido para interagir com seu interlocutor, afinal, enquanto ele conversa com várias pessoas ao mesmo tempo, também navega em páginas de seu interesse, assiste a vídeos, baixa músicas, etc.

Ou seja, ainda que seja pela escrita, a velocidade de pensamento é basicamente igual a uma conversa face a face. O que pode ocorrer, contudo, é o escritor ter um tempo maior para responder e escolher as palavras, garantindo, assim, um menor número de correções a serem feitas. Mas isso não significa que o escritor vai ater-se às regras gramaticais, criar construções complexas e utilizar léxico elaborado. Pelo contrário, sua posição é simplificar a escrita, planejando-a com se fosse um momento de fala.

Sendo assim, o planejamento ocorre tanto na fala como na escrita, podendo haver variações no tempo disponível para esse planejamento, assim como Ilari e Basso (2007, p.181) afirmam: “os textos tipicamente falados são planejados à medida que são produzidos”.

Marcuschi (2007) e Koch (1995) também apresentam respectivamente em seus textos a fala como implícita e incompleta, e a escrita como explícita e completa. Contudo, assim como estes mesmos autores rebatem estas distinções, podemos dizer que tanto fala quanto escrita possuem momentos de completude e incompletude, assim como muitas vezes deixam a mensagem implícita ou explícita. O fato é que tudo vai depender das circunstâncias em que fala e escrita ocorrem.

Ou seja, assim como a fala é espontânea, a escrita por mensagens instantâneas também possui um caráter incompleto e implícito. Tal fato ocorre devido ao compartilhamento de conhecimento de mundo que os indivíduos da interação comunicativa possuem. Quanto maior for esse compartilhamento menor vão ser os detalhes do discurso e vice-versa (DIJK, 1999; KOCH, 1996).

A fala, por seu turno, torna-se mais completa e explícita quando é vista em ministrações de aulas, especialmente. Pois a fala desse discurso é caracterizada pela boa elaboração sintática, escolha de um léxico variado e bom suporte argumentativo. Desta forma, o texto falado aqui tende a ser explícito em suas ideias e completo em sua construção.

No quadro de dicotomias de Marcuschi (2007) a fala é ainda apresentada como imprecisa e dependente, enquanto a escrita é precisa e autônoma, além também de serem respectivamente caracterizadas como contextualizada e descontextualizada. Já em Koch (1995) a fala aparece como pouco elaborada e a escrita como elaborada.

Contudo, todos esses adjetivos negativistas que são atribuídos à modalidade oral da língua têm sua razão de ser, como já especificado anteriormente neste texto, devido à valoração positiva que se faz da modalidade escrita. Enquanto a escrita tradicionalmente é caracterizada como superior à fala, esta por sua vez não poderia ser senão considerada inferior.

Embora a escrita possua uma forma de aquisição formal, diferentemente da fala, ela pode muito bem apresentar características redundantes e ser imprecisa em muitos momentos. Exemplo deste fato poderia ser a bula de um remédio: nela as informações são expressamente redundantes, já que não são apresentadas de forma condensada. É geralmente repetitiva, chegando usualmente a ser imprecisa, pois as informações, na grande maioria das vezes, não são compreendidas pelos usuários do medicamento, devido à sua linguagem ser extremamente técnica. Mais precisa e condensada numa situação como essa seria uma boa conversa com o médico, pois as dúvidas seriam mais facilmente esclarecidas.

Fato importante, além disso, é que textos escritos registrados em livros, jornais, revistas só podem ser considerados autônomos devido à sua completude como texto, possuindo começo, meio e fim. Entretanto, considerando que, da mesma maneira que o texto falado geralmente depende de um momento para ocorrer, o texto escrito igualmente depende de uma situação para ser produzido.

Assim, há um motivo para se escrever da mesma maneira que há uma razão para se falar sobre algo. A escrita, desta forma, também possui uma característica dependente, principalmente tratando-se de textos jornalísticos.

Portanto, afirmar que o texto escrito é descontextualizado é afirmar que sua elaboração não existe razão de ser, isto é, deixar de lado todo o contexto social e histórico que envolve sua produção. Posteriormente, os textos escritos, ainda que arquivados, podem ser revisitados, tanto num contexto escolar, acadêmico ou não, mas dificilmente estarão fora de um contexto em que se faz necessária a sua leitura.

A fala, como já informado, tradicionalmente considerada contextualizada pela situação de enunciação, depende de que alguém a reproduza em determinado momento, mas utilizando os meios de tecnologia atuais, uma situação de enunciação é facilmente arquivada e pode, fora de seu contexto original de produção, ser ouvida novamente, sem que necessariamente faça algum sentido ou se tire proveito dela no momento atual, podendo ser também descontextualizada.

Afirmar, ademais, que a escrita é mais elaborada que a fala não tem passado de um equívoco. Pois, como observado, existem textos orais mais bem elaborados e formulados, como nos presenciados em palestras acadêmicas, conversas formais. Enquanto que em bilhetes, ou até mesmo cartas, e-mails pessoais, sem falar nas mensagens de conversas via internet, encontramos textos simples, sem nenhum tipo de estrutura complexa, além de possuírem, em sua grande maioria, "erros" condenáveis pelas regras normativas.

É por isso que afirmamos e defendemos a ideia de que o grau de informalidade e formalidade transpassa tanto os textos da modalidade escrita quanto os da modalidade oral, dependendo da situação comunicativa em que estão inseridos os indivíduos produtores dos textos. Desta forma, estas dicotomias não podem ser estritas, pois o que determina um texto incompleto, pouco elaborado, com falhas na gramática, redundante, etc., ou o contrário disso, é o contexto e não simplesmente o fato de se tratar de um texto oral ou escrito (KOCH, 1995).

Discutiremos agora as dicotomias apresentadas por Fávero, Andrade e Aquino (2000), de forma dividida pelos tópicos apresentados pelas próprias autoras no Quadro 1 – Fala versus escrita, já citado nesta pesquisa:

- *Fala – interação face a face/Escrita – interação à distância:* Atualmente podemos falar com outras pessoas em momento real a quilômetros de distância através do telefone ou *webcam*. A interação não ocorre face a face e sim à distância, tanto espacial quanto temporal, já que os integrantes da situação comunicativa não se encontram no mesmo lugar, e talvez nem mesmo no mesmo tempo, como ocorre quando falamos com alguém que está em outro país,

cujo fuso horário diferencia-se do nosso. Por outro lado, apesar de a escrita poder ocorrer à distância, ela também pode carregar características instantâneas da fala, como ocorre em troca de bilhetes dentro de uma sala de aula, em que os participantes da conversa podem estar um ao lado do outro, mas devido ao silêncio exigido, usam de outros meios para se comunicar.

- *Fala – planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção/Escrita – planejamento anterior à produção:* Nas mensagens instantâneas enviadas pela internet o planejamento ocorre quase que simultaneamente à produção do texto, pois se trata de uma conversa à distância, exigindo-se assim agilidade dos participantes. Por outro lado, já podemos observar uma fala planejada anteriormente à sua produção nos diversos tipos de discursos a públicos variados, ou falas ensaiadas, memorizadas, como ocorre em ministrações de aulas ou apresentação de trabalhos acadêmicos.
- *Fala – criação coletiva/Escrita – criação individual:* Podemos verificar a fala como criação individual também em diferentes tipos de discursos, nos quais há apenas um enunciador que se dirige a um público que talvez não possa reagir com suas palavras pela distância em que se encontra do falante ou pela submissão devida a este. Por outro lado, é possível produzir um texto escrito coletivamente, onde os participantes expõem suas ideias e as relacionam formando um texto único. Isso é observado em trabalhos em grupo, livros feitos em parceira, letras de músicas, etc.
- *Fala – impossibilidade de apagamento/Escrita – possibilidade de revisão:* As palavras que são ditas realmente não voltam atrás, não há como apagá-las no sentido literal da palavra, porém, como já observamos, quando um indivíduo pronuncia algo indesejado, sua reação é substituir imediatamente aquele conteúdo pelo mais adequado. De certa forma ocorre a substituição de um conteúdo por outro, frisando-se que o primeiro era inadequado e que o posterior é realmente o que se queria dizer. Isto também ocorre nas conversas via *web*. Devido à agilidade dos interlocutores, muitas palavras são escritas erradas, ou seja, uma letra que deveria vir em posição posterior à outra pode antecedê-la, ou mesmo faltar letras, além de frases serem construídas muitas vezes sem a sequência sintática adequada, geralmente por falta de alguns dos elementos que constituem a frase. Ficaria mais ou menos assim: “ñ vô no cinema hj, tenho [?] estudar”. Sendo assim, o escritor pode não perceber a inadequação de seu texto e apenas observá-lo após já tê-lo enviado, podendo mandá-lo novamente corrigido ou não: “tenho q* estudar”, colocando-se o asterisco para evidenciar a correção.

- *Fala – sem condições de consulta a outros textos/Escrita – livre consulta:* Não é possível dizer que a fala não usufrui de consultas a outros textos, se em discursos (políticos, religiosos, acadêmicos, etc.) o falante pode apoiar-se em um texto escrito para construir o seu próprio discurso falado. Lembremos também de como são feitas as peças teatrais e as novelas televisivas: os atores seguem um roteiro escrito, e muitas vezes, baseando-se nele, constroem seus próprios textos, mas na modalidade falada. Já a escrita, geralmente, é construída apoiada em outros textos, apesar disso há momentos em que estas consultas não são possíveis, como em elaboração de provas dissertativas, de redação, entre outros.
- *Fala – a reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor/Escrita – a reformulação é promovida apenas pelo escritor:* Estas afirmações são um tanto equivocadas, pois tanto fala como escrita podem ter sua reformulação promovida pelo autor ou pelo receptor do texto. Nas conversas via internet, por exemplo, o receptor da mensagem pode muito bem reformular uma frase equivocada mandado-a novamente "corrigida" para o autor para que este perceba o equívoco que cometera. Este fato comumente ocorre em conversas orais, mas não deixa de existir em conversas escritas também, ainda que seja um tanto indelicado corrigir as outras pessoas, mas pode acontecer. Além disso, em um discurso para um público grande, geralmente, quando há a necessidade de reformulação do texto, somente o falante pode fazê-lo, cabendo aos receptores apenas a possibilidade de reagirem por meio de suas expressões faciais, corporais e não reformular o que foi dito. Já na escrita observamos que muitas vezes o receptor do texto tem por obrigação a reformulação daquilo que estiver inadequado, como é o caso do professor que corrige os textos, trabalhos, redações de seus alunos e um editor que revisa um texto a ser publicado.
- *Fala – acesso imediato às reações do interlocutor/Escrita – sem possibilidade de acesso:* Quando alguém deixa seu recado na caixa postal eletrônica de uma pessoa, ela não tem acesso imediato às reações de seu interlocutor. Assim como alguém que grava uma mensagem ou um discurso para que seja apresentado a um receptor que não está presente no momento do ato de fala. Em contrapartida, hoje em dia já é possível ter acesso imediato às reações de um interlocutor de um texto escrito quando se conversa via *web*. Pois apesar de não ser possível ver suas reações físicas, o receptor da mensagem as expõe por meio da escrita ou por ícones que expressam o que ele está sentindo naquele momento.
- *Fala – o falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor/Escrita – o escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor:* Muitas vezes os textos falados (propaganda, discursos em geral, mensagens de amor)

que são expressos fora da presença imediata do receptor não podem ser redirecionados já que seu interlocutor não está presente. As reações do receptor podem até ser negativas, mas o enunciador do discurso comumente não ficará ciente disso. Desta forma, assim como acontece na escrita, este falante terá de processar seu texto a partir das possíveis reações de seu interlocutor.

- *Fala – o texto mostra todo o seu processo de criação/Escrita – o texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado:* Sabemos que tais afirmações já não podem ser mais consideradas verdadeiras, pois nas conversas pela internet o texto escrito também mostra o seu processo de criação, é possível observar até mesmo a mensagem *"Pedro está digitando uma mensagem"* quando uma pessoa está em processo de digitação de seu texto. O texto falado, por sua vez, nem sempre mostra seu processo de criação, principalmente quando se trata de um texto decorado para ser pronunciado, ou gravado, podendo-se haver inúmeras repetições e regravações até que se chegue ao resultado almejado.

4.2 Fala, escrita e os meios de transmissão

> Ao falar em gêneros aqui, não estamos pensando em gêneros literários, mas sim em tipos de textos que podem ser encontrados na vida de todos os dias, e que se caracterizam por ter determinadas funções e por ter como autores e receptores indivíduos que compartilham interesses mais ou menos previsíveis. Pergunte-nos, por exemplo: como é a língua do discurso político? Como são escritos os ensaios "científicos" (entre eles, as teses e dissertações ligadas aos graus acadêmicos e à carreira universitária)? Como se exprimem os usuários do e-mail e dos grupos de *chat* que surgiram depois do advento do computador? Como são apresentadas as informações nas páginas da internet?
> Não há necessidade de análises aprofundadas para perceber que esses diferentes gêneros têm uma tradição própria e utilizam uma linguagem fortemente marcada pela natureza do veículo adotado em sua transmissão. (ILARI, BASSO, 2007, p.185)

Ao observamos a citação acima podemos concluir que da mesma maneira que os meios de comunicação variam, a linguagem utilizada em cada uma delas também muda. Pois tanto a modalidade oral quanto a escrita se adéquam ao veículo pelo qual serão transmitidas. O texto escrito para uma revista científica não vai ser o mesmo a ser apresentado num telejornal, por exemplo.

Apesar disso, existem aqueles que defendem a ideia de que com a língua falada este aspecto torna-se mais restrito, como afirmam estes autores:

> É claro que, por língua falada, entendemos aqui a língua verdadeiramente falada, nem toda mensagem que nos chega pelo ouvido (e não pelos olhos) é na verdade uma mensagem falada: o telejornal, os discursos das convenções políticas, as conversas telefônicas com que nos atormenta o telemarketing, por exemplo, são exemplos de língua lida, isto é, língua que foi escrita para ser posteriormente falada, e suas características são outras. (ILARI, BASSO, 2007, p.182)

Verificamos que, de acordo com Ilari e Basso (2007), existe uma língua que não é nem a falada nem a escrita, mas sim a língua lida. Diferentemente do que defende Câmara Júnior (1986), o qual considera que a língua falada é aquela que nos chega pelo ouvido, para Ilari e Basso isto não é verdade, pois, como eles mesmos dão exemplos, há meios de transmissão da língua que se baseiam em textos escritos mas que se manifestam por meio da fala. Ora, se a língua escrita tem a opção de expressar-se por diversos veículos, o contrário não ocorre com a língua falada.

Telejornais, novelas, peças de teatro, propagandas, discursos em geral, são em sua grande maioria baseados em textos escritos, ou seja, de certa forma são criados para serem lidos. Porém, quando assistimos a tais programas não observamos ninguém lendo um texto, e sim falando sobre ele. É por isso que considerá-los frutos unicamente de um texto escrito para serem lidos pode ser um grande equívoco, já que eles vão depender de um ato de fala para cumprirem seu objetivo. Além disso, é justamente por dependerem da fala, que em sua essência é tão complexa, que ocorrem tantos erros de gravação e geralmente é necessário passar várias vezes a mesma cena até que se chegue a um grau de perfeição, ou pelo menos perto disso. Ademais, a fala por ter um aspecto espontâneo colabora com a criatividade, permitindo ao leitor/falante de um texto criar sua própria maneira de expressão, possibilitando-o a formular seu próprio texto falado.

Fato que ocorre de maneira diferente nos gibis, por exemplo, nos quais o texto realmente é um texto feito para ser lido. Desta forma, os escritores de gibi seguem em sua grande maioria as regras gramaticais da língua culta, ainda que seja para representar a fala de pessoas, que em sua maioria “quebram” algumas regras – situação que ocorre de modo diferente em textos de novelas, teatros, propagandas, pois geralmente são construídos para simularem a vida real. Desta forma, muitas das informalidades, erros gramaticais que a língua falada possui também vão aparecer nesses tipos de textos.

5 Conclusão

Tendo em vista que a tradicional dicotomia fala/escrita ainda causa muitas discussões, revisitamos algumas das características que fazem menção a esta distinção, e que, por muito tempo, foram responsáveis por separarem fala e escrita em polos opostos. Desta forma, pudemos averiguar que fala e escrita possuem atualmente muitos traços em comum, e que grande parte das antigas diferenças já ficaram no passado.

Com este trabalho não estamos fazendo apologia ao "erro", ou defendendo a ideia do "vale tudo na língua". Pelo contrário, sabemos que existe realmente a necessidade do ensino de uma norma padrão da língua, para que todos tenham o mesmo direito de saber empregar seu discurso, sendo falado ou escrito, de maneira adequada à situação de interação. Além, é claro, de ser extremamente necessária para quem almeja uma melhor condição social.

O que não podemos admitir é a visão de que a fala é o ambiente do caos e a escrita do correto. E não podemos aceitar que a sociedade continue sendo ensinada assim. Mesmo com muitos avanços, a comunidade ainda não consegue fazer a distinção entre fala e escrita sem supervalorizar uma em detrimento da outra.

Entretanto, como verificado, a língua possui diversas formas de expressão, estando dependente do contexto em que for produzida. Desta forma, é possível falarmos ou escrevermos de maneira informal, "quebrando" regras normativas, da mesma maneira que podemos respeitar todas essas regras, seja num texto falado ou escrito.

Foi também observado que a partir do advento do computador, especialmente, os modos de interação comunicativa também sofreram mudanças. E toda essa tecnologia tem colaborado para que barreiras que antes impediam uma pessoa de se comunicar com outra sejam quebradas. Desta forma, fala e escrita nunca estiveram tão ligadas, e nunca foram tão semelhantes como nos dias atuais. Apesar de serem modalidades diferentes de expressão de uma mesma língua, as antigas dicotomias, como apresentado, não conseguem mais dar conta das possíveis maneiras de comunicação-interação entre os indivíduos da sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo II.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____.**Princípios de Lingüística Geral**: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1954.

DIJK, Teun Adrianus van. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1999.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita:** perspectiva para o ensino de língua materna. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio:** o minidicionário da língua portuguesa. 6. ed. Curitiba: Posigraf, 2004.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente:** a língua que estudamos e a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore G. V. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 7ª edição, 1996. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)

_____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **O texto na alfabetização:** coesão e coerência. Campinas: Edição da autora, 1997.

SAPIR, Edward. **A linguagem:** introdução ao estudo da fala. Tradução de Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro, 1954.

SILVA, Rosa Virginia Mattos e. **O Português são dois:** novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.